

ENCONTRO

semanal

Edição 95ª - 13 de março de 2016

www.arquidiocesedegoiania.org.br



Evangelize: passe este jornal para outro leitor



CIDADANIA: a sociedade precisa vestir essa bandeira

ARQUIDIÓCESE



**24 horas para o Senhor:
oração, adoração e
reconciliação**

pág. 3

COMUNIDADES



**Paróquia Nossa
Senhora da Abadia, de
Itauçu**

pág. 4

VIDA CRISTÃ



**Reflexão sobre a
vivência cristã do
tempo quaresmal**

pág. 7

JEJUM: EXPERIÊNCIA DOS DISCÍPULOS DE CRISTO



DOM WASHINGTON CRUZ, CP
Arcebispo Metropolitano de Goiânia

Três são os preceitos quaresmais: jejum, oração e esmola. Primeiramente, é preciso que entendamos que o jejum é uma prática que se alinha com a missão cristã. Não é simples abstinência de alimentos, numa espécie de “regime alimentar” por razões estéticas ou de saúde. É uma prática espiritual, acima de tudo. Para que se entenda bem o significado do jejum, é importante recordarmos dois ensinamentos: um, fundamental, deixado pelo testamento de São Mateus; e outro, extraído da concepção deixada pela escola de Alexandria, um dos maiores centros culturais do antigo cristianismo.

São Mateus nos apresenta no início do capítulo 4 de seu Evangelho (1-11) o sentido teológico e vivencial mais profundo da prática do jejum. Ali, o autor sagrado retrata a experiência de Jesus no deserto, no conhecido quadro das tentações. É de se observar que, ao longo de todos os “quarenta dias e quarenta noites”, Jesus permaneceu em jejum. Terminada aquela experiência, ele inicia a sua missão. Sabemos do simbolismo numérico presente nas tradições judaicas. O algarismo 40 indica um tempo além da contagem cronométrica. Refere-se a uma geração inteira, a um tempo vital, a um intervalo de tempo dentro do qual a vida humana se comprehende dentro do mistério da salvação operada por Deus.

Assim, pode-se compreender que o sentido mais transcendental do jejum cristão está alinhavado com as atitudes do coração. Deixa-se de se alimentar como de rotina, abstém-se da ingestão de alimentos segundo as possibilidades de cada organismo, em vista de um bem maior. Ainda que para o mundo moderno soe estranha essa prática, cabe aos cristãos incorporá-la sempre mais como sacrifício pessoal oferecido a Deus pelo bem de toda a humanidade. Sobretudo num mundo e num tempo em que a oferta de alimentos e o prazer aí buscado têm sido sempre crescentes. Jejuar num mundo de excessos de ofertas para certas faixas da população e de escassez de alimentos para um grande contingente de pessoas é um gesto, uma atitude igualmente profética, profundamente enraizada na prática da caridade.

Para Jesus, o verdadeiro jejum finaliza-se na realização de sua missão: o Seu verdadeiro alimento é fazer a vontade do Pai, aqu'Ele que o enviou (Jo 4,34). Para os discípulos de Cristo, para todos aqueles que querem segui-Lo, suas práticas, sua visão de mundo, sua missão, suas decisões tornam-se normas de vida para cada pessoa.

A escola de Alexandria deixou um rico memorial para a vida cristã. Ali se ensinava, como denso centro cultural do Oriente antigo, que cuidar do corpo é zelar pelo templo do Espírito Santo (1Cor 6,19). O jejum realizado como preceito divino inaugura o homem novo em cada criatura. Abre e prepara os corações para acolher, despojadamente, a graça inefável de Deus e de Cristo, segundo o agir o Espírito Santo.

É preciso que se faça a experiência. Não exatamente para sermos “vistos pelos homens” (Mt 6,1-6), para que o Pai, que vê em segredo, aceite a oblação de cada pessoa de fé como oferta viva, de grande valor para que o mundo seja salvo. E para que o mundo se liberte de toda forma de apego, de superposições, de diferenças em todas as suas formas.



■ Editorial

“A CIDADANIA NÃO É ATITUDE PASSIVA, MAS AÇÃO PERMANENTE, EM FAVOR DA COMUNIDADE” (ANCREDO NEVES)

O exercício da cidadania é condição essencial para a sociedade viver em democracia porque ser cidadão perpassa a faculdade de escolher representantes na esfera política e se desenvolve em todos os ambientes da vida. Nas ruas, não há modelo pronto para exercê-la, mas a base de um manifesto cidadão é a informação, meio mais forte do que paus e pedras para se reivindicar direitos previstos na Constituição. Nesta edição, a reportagem de capa trata da cidadania como ferramenta fundamental de participação e liberdade. Atitudes cidadãs têm a capacidade de transformar realidades.

Em Arquidiocese em Movimento, o Encontro Semanal cobriu a terceira edição de 24 para o Senhor. Na Matriz de Campinas, centenas de pessoas tiraram algumas horas do seu tempo para rezar, contemplar o Senhor



Foto: Reprodução

Eucarístico e se reconciliar com Deus pelo Sacramento da Confissão. Conversamos ali com um representante da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, do Conjunto Primavera, que peregrinou até a Porta Santa e participou da iniciativa do papa Francisco, dispensada à Igreja no mundo inteiro nos dias 4 e 5. Ainda nesta edição, o papa discorre sobre o sentido do poder como instrumento de serviço ou injustiça e o seminarista Wallison Rodrigues faz uma reflexão sobre a vivência da Quaresma.

Boa leitura!



MATRÍCULAS ABERTAS PARA CURSOS

+info
3219-5180
www.gosenac.br

► **Capela São José**
Contato: (62) 3203-4368

Av. Engenheiro Fuad Rassi, Qd. 1A, Lt. 3A, nº 107
St. Nova Vila – 74.653-100 - Goiânia-GO



História dos Jubileus

3º e 4º Anos Jubilares

São chamados “Jubileus” do grande Cisma do Ocidente”. O 3º Ano Jubilar, de 1390, foi proclamado pelo papa Urbano VI. Esse pontífice estabeleceu a comemoração do Ano Santo a cada 33 anos, em memória da duração da

vida de Cristo. O 4º Jubileu é do ano de 1400. Foi proclamado pelo papa Bonifácio IX, que restabeleceu a comemoração do Ano Santo de 50 em 50 anos. (Cisma do Ocidente é o período da história da Igreja com um papa em Roma e outro em Avinhão, na França).

Monsenhor Nelson Rafael Fleury
Continua na próxima edição.

DATAS COMEMORATIVAS

14: Dia do Vendedor de Livros; Dia Nacional da Poesia / **15:** Dia Mundial do Consumidor; Dia da Escola / **19:** Dia de São José; Dia do Carpinteiro; Dia do Marceneiro

ARQUIDIÓCESE EM MOVIMENTO

24 horas para o Senhor: reaproximar-se de Deus pela oração, adoração e reconciliação

Foto: Fábio Costa



Nos dias 4 e 5 de março, a Arquidiocese de Goiânia, em comunhão com a Igreja em todo o mundo, celebrou, pela terceira vez, a iniciativa *24 horas para o Senhor*. Trata-se de uma possibilidade, aberta a todos, de fazer a experiência da misericórdia de Deus. O foco dessa iniciativa é recolocar no centro da vida cristã a adoração eucarística e o Sacramento da Reconciliação.

A jornada *24 horas para o Senhor* é ainda um momento de intensa oração, sempre levando em conta o voltar-se para Deus, sobretudo aqueles que se encontram afastados. Sobre a proposta, o presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, dicasterio vaticano responsável pela organização do Jubileu extraordinário da Misericórdia, Dom Rino Fisichella, declarou que "a misericórdia não se reduz ao Sacramento da Reconciliação, ela tem um horizonte muito mais amplo, que empenha cada um de nós a tornar-se instrumento da misericórdia para o próximo".

No sábado (5), o *Encontro Semanal* acompanhou as últimas horas da iniciativa na Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Matriz de Campinas). Por volta das 15h30, havia pelo menos 300 pessoas adorando Jesus eucarístico e logo após rezando o terço. Enquanto isso, uma longa fila de penitentes aguardava para se confessar com um dos três sacerdotes que estavam ali de plantão.

Cerca de 50 membros da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, do Conjunto Primavera, aproveitaram para peregrinar até a Porta Santa e participar da missa em ação de graças que encerrou o evento. "Passamos a semana programando vir, fretamos um ônibus e viemos, em oração, passar pela Porta Santa, confessar, adorar o Senhor e participar desse evento tão importante da nossa Igreja", declarou Osmailton Geraldo de Brito, 41 anos que trouxe com ele a esposa e os filhos. A jornada *24 horas para o Senhor*, explicou, é também um momento de pedir, em orações, um mundo melhor. "Precisamos de paz, alegria, amor e da ação de Deus na vida daqueles que ainda não foram evangelizados para que eles também possam receber a misericórdia e se converterem", disse.

Presidiu a missa de encerramento o pároco, padre João Otávio Martins, CSsR. Além da Matriz de Campinas, também celebraram a jornada as paróquias Nossa Senhora Auxiliadora (Catedral), Nossa Senhora da Assunção, Sagrada Família, Nossa Senhora Aparecida (Aparecida de Goiânia), Sant'Ana (Inhumas), São José (Vianópolis), Divino Pai Eterno (Trindade), e Nossa Senhora Auxiliadora (Senador Canedo).

■ Lectio Divina: a ilusão da liberdade sem limites

A reflexão da *Lectio Divina* na quarta semana da Quaresma foi sobre a parábola do Filho Pródigo (*Lc 15, 1-3.11-32*). O bispo auxiliar de Goiânia, Dom Levi Bonatto, explicou que Jesus criou essa parábola para mostrar como a vida torna-se vazia e degradante longe de Deus e como é importante voltar aos braços do Pai. A atitude do filho, segundo ele, representa a máxima expressão do egoísmo. "O filho fechado em si mesmo pelo egoísmo demonstra total desprezo pelo pai. Pede a parte da sua herança mesmo sem o pai ter morrido, ou seja, quer independência até do amor. É como se dissesse: 'pai, você morreu para mim, mas quero tua grana'. Com essa atitude, ele quer ver-se livre de tudo e é assim para muitas pessoas que veem a liberdade dessa forma", sublinhou.



Dom Levi disse que liberdade é confundida com egoísmo. Muitos colocam o "eu" acima de tudo e de todos e por isso não vi-

vem nem para Deus e nem para o próximo, de modo que não enxergam mais como está a vida do irmão. "Às vezes só vemos as nossas necessidades", afirmou. "Mas por que o filho deixou a casa do pai?", questionou o bispo para logo em seguida responder: "porque os laços o impedem de viver sem limites. Nós fazemos o mesmo com a nossa

fé: a deixamos para viver a própria vida, criamos uma fé sem compromissos para buscar nossa satisfação". Como o filho, continuou Dom Levi, "não nos damos conta de tudo o que Deus nos dá". E lembrou que o mesmo

acontece muito com os filhos que deixam a casa dos pais para ir estudar em outras cidades, com os migrantes que buscam uma vida melhor. "Mesmo sem querer podemos acabar apascentando porcos porque a vida sem Deus é uma porcaria. É no sem querer que entra o pecado porque é o momento em que esquecemos de Deus", justificou.

■ FIQUE POR DENTRO



Foto: Reprodução

Intenções do papa

Universal: Famílias em dificuldade

Para que as famílias em dificuldade recebam os apoios necessários e as crianças possam crescer em ambientes saudáveis e serenos.

Pela Evangelização: Cristãos perseguidos

Para que os cristãos discriminados ou perseguidos por causa da sua fé permaneçam fortes e fiéis ao Evangelho, graças à oração incessante de toda a Igreja.



Foto: Arquivo Liturgia

Ensaio para a Missa dos Santos Óleos

O segundo ensaio da Academia Santa Cecília de Música Sacra, em preparação para a Missa dos Santos Óleos, na Semana Santa, ocorreu, na manhã do dia 5 e reuniu 180 pessoas, entre cantores e instrumentistas, membros das comunidades da Arquidiocese. O próximo ensaio, dedicado aos cantores, será no próximo dia 19, às 13h30, no Centro de Pastoral Dom Antônio, próximo à Catedral Metropolitana.

AGENDA DA SEMANA

Cursos de Batismo

18/3 – Paróquia Nossa Senhora Auxílio dos Cristãos/3281-5554
Paróquia Sagrada Família/3942-4267
Paróquia Menino Jesus/8222-0083

19/3 – Paróquia Sto. Antônio de Pádua - Negrão de Lima/3202-1784
Paróquia N. Sra. da Piedade - Bela Vista de Goiás/3551-1147
Paróquia Nossa Senhora Rainha da Paz/3287-2860

20/3 – Paróquia Nossa Senhora de Lourdes/3203- 4368
22 e 23/3 – Paróquia N. Sra. Auxiliadora – Catedral/3223-4581

Terças e Sábados – Paróquia Sagrados Estígmas e Santo Expedito Jd. América/3251-4488

Todas as Quintas – Paróquia Nossa Senhora da Conceição – Matriz de Campinas/3533-5310

Cursos de Noivos

19/3 – Paróquia São Judas Tadeu/3233-6365

Paróquia Nossa Senhora da Abadia, de Itauçu

“Quem participa da vida de sua paróquia tem vínculos comunitários. Há interesse e empenho em atrair os afastados. Nessas paróquias, os párocos e os cristãos engajados, homens e mulheres, desenvolvem uma pastoral de comunhão e participação” (Documento 100, CNBB)

FÚLVIO COSTA

Ahistória de Itauçu começa a partir de 1911, com Ernesto Batista de Magalhães, fazendeiro que veio de Araguari (MG). Conhecido como Coronel Ernesto, foi ele quem comprou uma propriedade no local e expandiu o negócio com plantações de café. A fama do bom café se espalhou e determinou a vinda de mais empreendedores para a região. Em 1913 chegava ali o casal paulista Antônio Albino e Alzira Clemente da Conceição. Com a família Cunha, que chegara no mesmo ano, construíram uma capela dedicada a Nossa Senhora da Abadia. “Esse fato marcou o primeiro desentendimento entre famílias, pois o Coronel Ernesto, apesar de ser católico, não aceitava a igrejinha porque queria que o povo se instalasse em outro lugar”, disse o presidente e sócio-fundador da Associação de Idosos de Itauçu, Sr. Chafi José, 91 anos. Coronel Ernesto sabia que as pessoas começariam a se estabelecer ao redor da capela. E foi o que aconteceu.

A paróquia que apresentamos nesta semana está muito ligada às origens de Itauçu. A região já foi conhecida como Três Barras, por estar na confluência do córrego dos Três Morros, do ribeirão de Maria da Silva e do rio Meia Ponte. Conforme registros históricos da cidade, no local havia uma mata ciliar que se abria para uma campina, formada por uma grande pastagem nativa, toda de capim catingueiro. Daí Itauçu se chamar primeiramente Catingueiro Grande. Ao ser elevado à categoria de distrito, em 1936, passou a se chamar Cruzeiro do Sul, em homenagem à constelação muito conhecida pelos cafeicultores e também por ter bastante relação com os primeiros moradores vindos de São Paulo e Minas Gerais. É importante ressaltar que Catingueiro Grande já foi o maior produtor de café do Brasil na década de 1930. O nome Cruzeiro do Sul só resistiu até 1943 devido ao decreto-lei 8.035, que restringia a igualdade de nomes entre cidades de estados diferentes. Itauçu, que significa “pedra grande”, seguiu a



designação em tupi das cidades vizinhas, como Itaberaí.

Segundo o Sr. Chafi, a primeira imagem de Nossa Senhora da Abadia foi doada por Alzira Clemente. Ainda hoje exposta na igreja matriz, veio do interior de São Paulo em 1925, de trem até o povoado de Roncador e de carro de boi dali até Catingueiro Grande. Chegou em 1927. A capela era atendida pelos padres de Itaberaí desde 1918. A partir de 1930, passou por um breve momento aos missionários redentoristas instalados na nova capital

que seria inaugurada em 1933. A paróquia só foi instalada em 29 de maio de 1954, pelo então arcebispo de Goiás, Dom Emanuel Gomes de Oliveira. O primeiro pároco foi o monsenhor Nelson Rafael Fleury, e as missas e celebrações eram realizadas em uma pequena capela situada na Praça Nossa Senhora da Abadia, onde hoje está o Centro Comunitário São José. O segundo pároco, padre Victor Arantes Vieira, trouxe em 1958, as Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição que permaneceram ali até 2002.

Uma paróquia com vocação sacerdotal

Com pouco mais de 8 mil habitantes em Itauçu, a Paróquia Nossa Senhora da Abadia hoje conta com a ação pastoral da catequese, Orientação para a vivência do Sacramento (Ovisa), Renovação Carismática Católica (RCC), Vicentinos, Pastoral do Dízimo, Pastoral de Noivos e do Batismo, Apostolado da Oração, Pastoral Litúrgica e o grupo de Acólitos e Coroinhas. A paróquia está dividida em oito setores, nos quais, semanalmente, acontecem rezas nas casas e reflexão da Palavra. As comunidades são três: São Pedro, no entroncamento de Taquaral; Nossa Senhora Aparecida, no povoado Ordália; e comunidade de Roselândia.

O casal João de Paula Ribeiro, 71 anos, e Ana Maria Garcia de Paula,



73, conta que um dos desafios da paróquia é levar as pessoas, sobretudo os jovens, ao compromisso nas comunidades. “A maioria dos jovens aqui, ao atingir idade para estudar o ensino médio e superior, deixa Itauçu e vai para Itaberaí ou Goiânia, vindo aqui apenas nos fins de semana”. Para provocar o compromisso, foi fundado no ano passado o grupo Jovens Vivendo o Sacramento (Jo-

visa) que conta com 20 integrantes. O administrador paroquial, padre Márcio Celestino da Silva, também incentiva a participação das crianças e adolescentes no grupo de acólitos e coroinhas, que vem aumentando consideravelmente. São frutos vocacionais de Itauçu, os padres Raimundo Lopes Salgado, pároco da Paróquia Nossa Senhora do Rosário e Santa Maria, em Goiânia; o padre Edson Costa, missionário redentorista e pároco da Paróquia Nossa Senhora da Abadia, em Abadia de Goiás; e o padre César Garcia, administrador da Paróquia Mãe de Misericórdia, na capital. Padre Márcio ressalta também a fé do itauçense. “É um povo de muita fé e devoção, sempre disponível. É uma cultura

forte influenciada pela união de famílias mineiras, goianas, paulistas e baianas que formaram a nossa população”, justifica.

INFORMAÇÕES

Missas

Domingo: 7h e 19h
3ª-feira: 19h
Primeira 6ª-feira: 19h

Secretaria

2ª a 6ª-feira, das 8h às 11h e das 13h às 17h / Sábado: 8h às 11h

Administrador paroquial:

Pe. Márcio Celestino da Silva

Tel.: (62) 3378-1301

E-mail: pnait@gmail.com

Endereço: Praça Pedro Argeniro Carvalhães, nº 5 – St. Central – CEP: 75450-000 – Itauçu-GO

Espaços Planejados, com instalações modernas e confortáveis...

O Colégio Agostiniano possui três Unidades:

- Unidade I – Educação Infantil e Ensino Fundamental I
- Unidade II – Ensino Fundamental II
- Unidade III – Ensino Médio

Ensino integral e regular

Educação Infantil

Infantil I, II e III

Ensino Fundamental

1º ao 9º ano

Ensino Médio

1º, 2º e 3º anos



Colégio
Agostiniano
Nossa Senhora de Fátima

	Av. K, nº 108, St. Aeroporto Goiânia/GO
	62 3213 3022
	www.agostiniano.com
	colegioagostiniano@hotmail.com
	Colégio Agostiniano
	Colégio Agostiniano

A conquista de direitos depende da participação de todos

FÚLVIOS COSTA

Certamente você já se perguntou: o que eu faço ou preciso fazer para que a cidadania seja exercida plenamente no meu ambiente social? Exerço a cidadania apenas a cada dois anos ao registrar meu voto na urna ou posso promovê-la diariamente? Primeiro é preciso entender que o conceito de cidadania não é uniforme e varia conforme o autor e a abordagem teórica. Uns focam no exercício da cidadania no campo da política, participação por meio da democracia direta. Outros, no campo da liberdade, busca dos direitos nos espaços públicos.

O professor e diretor da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (FIC/UFG) e pesquisador e docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos, também pela UFG, Magno

“O conceito de cidadania contempla, essencialmente, os direitos de liberdade, de igualdade e de participação dos sujeitos em determinada sociedade”

Medeiros, salienta que “o conceito de cidadania contempla, essencialmente, os direitos de liberdade, de

igualdade e de participação dos sujeitos em determinada sociedade”. Esses direitos constituem princípios essenciais para a construção permanente de uma vida digna.

Mas, para o cidadão exercer a cidadania, o Estado precisa criar possibilidades de proteção e defesa dos direitos humanos, conforme a socióloga, mestre em Ciência da Religião e coordenadora do Instituto Dom Fernando, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), professora Elizabete Bicalho. “A condição de cidadania deve ser garantida pelo Estado. É essencial antes existirem políticas públicas que promovam a defesa dos direitos sociais”, diz. O exercício depende fundamentalmente, segundo ela, da

participação dos indivíduos e requer direitos e deveres na vida social.

Direitos e liberdade. Da efetivação dessas duas importantes ferramentas da democracia depende o exercício da cidadania. Citando a filósofa política alemã Hanna Arendt, o professor Magno diz que “cidadania é o direito de ter direitos”, o que implica gozar de direitos civis (liberdade e igualdade), direitos políticos (participar, em diferentes instâncias dos polos de decisão política nas esferas municipal, estadual e federal), e direitos sociais (saúde, educação, trabalho, emprego, renda). Ele lembra que isso, no entanto, não é uma camisa de força, já que os direitos são dinâmicos e evoluem conforme caminha a sociedade.

A cidadania transforma

Não existe cidadania sem sociedade. A busca por direitos só acontece na coletividade em meio a toda a complexidade da vida social com suas disputas, conflitos e mediações sociais, econômicas, culturais e políticas. Visa, conforme o professor Magno, “o bem-estar individual e coletivo, a solidariedade orgânica e a dignidade da pessoa humana em diferentes círculos de convivência e de participação social”. Justamente por tudo isso, a cidadania tem a capacidade de transformar a sociedade. E sua ausência pode gerar problemas sociais. “Se há ausência do estado de direito, se o cidadão não obtém respostas sociais, são criados problemas que chamamos de mazelas sociais: pobreza, miséria, desemprego, mau atendimento na saúde, falta de moradia e, consequentemente a exclusão social”, explica a professora Elizabete. A partir desses problemas, fica mais difícil

exercitar a cidadania, já que as pessoas passam a estar desprotegidas. Sem direitos, parcelas da sociedade passam a sofrer com a criminalidade e a violência. “Esmagando-se ou criando obstáculos à cidadania, a sociedade entra em crise e, com efeito, torna-se vulnerável aos impulsos antidemocráticos e totalitários. Por isso, é preciso sempre lutar pela garantia constitucional de nossos direitos de cidadania a fim de garantirmos uma sociedade minimamente justa social e politicamente”, completa o professor Magno.

Por brotar de demandas sociais, o professor da UFG explica que a cidadania implica o gozo de direitos e a oportunidade de participação nas políticas efetivas. Nesse sentido, só existe cidadania com participação. O que requer respeito aos direitos do outro. A busca por direitos, conforme a professora Elizabete Bicalho, deve ser precedida por uma

intenção e compromisso com essa intenção. As manifestações de rua são um bom exemplo: “as pessoas vão às ruas manifestar junto aos órgãos públicos ou mostrar para a sociedade as suas reivindicações?”, questiona. É aí que mora o perigo. “Mesmo sendo um poderoso instrumento de fazer política, as manifestações de rua proporcionam também espaço propício para a política partidária, a busca pelo poder ou apenas a espetacularização da violência com o apoio de parcelas da mídia”, explica Bicalho. Nas manifestações a cidadania é esquecida ainda, segundo o professor Magno Medeiros, quando se materializam gestos autoritários e antidemocráticos por meio de pedidos pela volta da ditadura militar e defesa de bandeiras fascistas e nazistas. “Cidadania anda de mãos dadas com a democracia e com a prática dos direitos humanos”, lembra.

tão fora das salas de aula. Isso é um problema social que cabe ao Estado resolver para que a cidadania aconteça”. Ela aponta ainda que mesmo sendo fundamental o papel do indivíduo para o pleno exercício da cidadania, não se pode esquecer que ele está dentro de uma estrutura que deve oferecer condições para a sua formação. Caso isso não aconteça, a sociedade corre o sério risco de criminalizar seus jovens sem oferecer oportunidades. O estado democrático de direito, diz ainda o professor Medeiros, é a base da civilização que possibilita o exercício da cidadania.

“Só ancorado nessa base é possível prosperar a cidadania com a participação ativa da vida em sociedade, a partir de diferentes esferas: no trabalho, na família, na religião, na comunidade. Mas a participação tem que ser realmente ativa, possibilitando o exercício da liberdade, da solidariedade, da fraternidade e da equidade social”. A cidadania requer ainda, conforme ele, “comunicação efetiva, no contexto de uma sociedade democrática. Sem participação e sem comunicação, não há democracia. E sem democracia, não há espaço possível para o exercício da cidadania”.

Participação

Já foi dito acima que cidadania pressupõe participação. Mas, para isso, todos precisam de oportunidades. Permeiam o debate da cidadania formação, participação, garantia de direitos. A professora Elizabete diz que a cidadania precisa abrir possibilidades. “Pessoas e instituições aproveitam alguns momentos do ano para exercitar a caridade. Essa atitude forma? Cria oportunidade de vida? Precisamos dar o peixe ou ensinar a pescar? A cidadania deve refletir ainda: por que alguns estão na escola e outros não? Há vagas ociosas e muitos jovens es-

Política não interessa a 81% dos goianienses

Pesquisa da UFG realizada entre 14 de dezembro de 2015 e 17 de janeiro aponta que 81% dos goianienses têm pouco ou nenhum interesse por política. O estudo consultou 1,2 mil pessoas da capital com idade igual e superior a 18 anos. Os principais sentimentos da população com relação à política são: decepção, desconfiança e aborrecimento. Para 72% dos entrevistados, os políticos são todos iguais, 64% disseram que os políticos não se preocupam com eles, e 37% consideram a política complicada. O Encontro Semanal ouviu o coordenador da pesquisa, professor adjunto em Ciências Políticas da Faculdade de Ciências Sociais da UFG, Pedro Santos Mundim. Questionado se o resultado compromete o exercício da cidadania, ele disse que o baixo interesse pelo tema é recorrente no mundo inteiro e que nem por isso a democracia foi enfraquecida ou deixou de existir. “O pouco interesse não significa que essas pessoas tomam más decisões”, garante. Uma análise mais criteriosa, segundo o pesquisador, dá conta de que não faz muita diferença estar inteirado sobre política, no sentido de impactar positivamente. “Muitos estudos dizem que o nível de conhecimento que as pessoas têm sobre o tema já é suficiente para tomar as decisões de que precisam”.



O poder só é bom quando usado para o bem comum

Prezados irmãos e irmãs,

Prossigamos as catequeses sobre a misericórdia na Sagrada Escritura. Em vários trechos fala-se dos poderosos, dos reis, dos homens que estão "no alto", e também da sua arrogância e dos seus abusos. A riqueza e o poder são realidades que podem ser boas e úteis para o bem comum, se forem postas ao serviço dos pobres e de todos, com justiça e caridade. Mas quando, como muitas vezes acontece, são vividas como privilégio, egoísmo e prepotência, transformam-se em instrumentos de corrupção e morte. Foi o

que aconteceu no episódio da vinha de Nabot, descrito no capítulo 21 do primeiro Livro dos Reis, sobre o qual hoje meditaremos.

Nesse texto narra-se que o rei de Israel, Acab, quer comprar a vinha de um homem chamado Nabot, porque aquela vinha confina com o palácio real. A proposta parece legítima, até generosa, mas em Israel as propriedades rurais eram consideradas quase inalienáveis. Com efeito, o livro do Levítico prescreve: "A terra não se venderá para sempre, porque a terra é minha, e vós estais na minha casa como estrangeiros ou hóspedes" (Lv 25,23). A terra é sagrada, porque constitui um dom do Senhor que, como tal, deve ser

guardado e preservado, pois é sinal da bênção divina que passa de geração em geração, e garantia de dignidade para todos. Compreende-se assim a resposta negativa de Nabot ao rei: "Deus me livre de te ceder a herança dos meus pais!" (1Rs 21,3).

O rei Acab reage a essa rejeição com amargura e indignação. Sente-se ofendido – ele é o rei, o poderoso – diminuído na sua autoridade de soberano e frustrado na possibilidade de satisfazer o seu desejo de posse. Vendo-o tão abatido, a sua esposa Jezabel, uma rainha pagã que tinha aumentado os cultos idolátricos e mandava matar os profetas do Senhor (cf. 1Rs 18,4) – não era feia, mas maldosa! – decide intervir. As

palavras com as quais se dirige ao rei são muito significativas. Escutai a maldade que está por detrás dessa mulher: "Não és tu, porventura, o rei de Israel? Vamos! Come, não te incomodes. Eu dar-te-ei a vinha de Nabot de Jezrael" (v. 7). Ela põe em evidência o prestígio e o poder do rei que, segundo o seu modo de ver, são postos em discussão pela rejeição de Nabot. Um poder que, ao contrário, ela considera absoluto e mediante o qual todos os desejos do rei se tornam uma ordem. O grande santo Ambrósio escreveu um livrinho sobre esse episódio. Chama-se "Nabot". Seria bom lê-lo neste tempo de Quaresma. É muito bonito e deveras concreto.

Autoridade sem misericórdia leva à morte

Recordando tudo isso, Jesus diz-nos: "Sabeis que os chefes das nações as subjugam, e que os grandes as governam com autoridade. Não seja assim entre vós. Todo aquele que quiser tornar-se grande entre vós, que se faça vosso servo. E o que quiser tornar-se o primeiro entre vós, que se faça vosso escravo" (Mt 20,25-27). Se perdermos a dimensão do serviço, o poder transforma-se em arrogância, tornando-se domínio e opressão. É precisamente isso que acontece no episódio da vinha de Nabot. Sem escrúpulos, a rainha Jezabel decide eliminar Nabot e põe em ação o seu plano. Serve-se das aparências enganadoras de uma legalidade perversa: em nome do rei, envia cartas aos anciãos e aos notáveis da cidade, ordenando que falsas testemunhas acusem publicamente Nabot de ter amaldiçoado a Deus e ao rei, um crime que devia ser punido com a morte. Assim, assassinando Nabot,

o rei pode apoderar-se da sua vinha. E não se trata de uma história de outros tempos, mas é uma história também dos nossos dias, dos poderosos que, por terem mais dinheiro, exploram os pobres, exploram o povo. É a história do tráfico de pessoas, do trabalho escravo, dos simples que labutam clandestinamente, com um salário mínimo, para enriquecer os poderosos. É a história dos políticos corruptos, que querem cada vez mais! Por isso eu dizia que seria bom ler esse livro de santo Ambrósio, porque se trata de um livro de atualidade.

Eis para onde leva o exercício de uma autoridade sem respeito pela vida, sem justiça e sem misericórdia. E eis para onde leva a sede de poder: torna-se ganância que deseja possuir tudo. A esse propósito, há um texto do profeta Isaías que é particularmente iluminador. Nele, o Senhor alerta contra a avidez os ricos latifundiários que querem

possuir cada vez mais casas e terrenos. E assim diz o profeta Isaías:

"Ai de vós, que ajuntais casa a casa / e que acrescentais campo a campo / até que não haja mais lugar / e que sejais os únicos / proprietários da terra" (Is 5,8).

E o profeta Isaías não era comunista! No entanto, Deus é maior do que a malvadez e os jogos sujos feitos pelos seres humanos. Na sua misericórdia envia o profeta Elias para ajudar Acab a converter-se. Agora viremos a página, e como continua a história? Deus vê esse crime e bate também à porta do coração de Acab; e o rei, posto diante do seu pecado, comprehende, humilha-se e pede perdão. Como seria bom se os poderosos exploradores de hoje fizessem o mesmo! O Senhor aceita o seu arrependimento; no entanto, um inocente foi assassinado, e a culpa cometida terá consequências inevitáveis. Com efeito, o mal praticado deixa os seus vestí-

gios dolorosos, e a história dos homens traz as suas feridas.

Também neste caso, a misericórdia indica a via mestra que deve ser percorrida. A misericórdia pode curar as chagas e inclusive mudar a história. Abre o teu coração à misericórdia! A misericórdia divina é mais forte do que o pecado dos homens. É mais forte, esse é o exemplo de Acab! Nós conhecemos o seu poder, quando recordamos a vinda do Inocente Filho de Deus que se fez homem para destruir o mal com o seu perdão. Jesus Cristo é o verdadeiro rei, mas o seu poder é completamente diferente. O seu trono é a cruz. Ele não é um rei que mata, mas, ao contrário, dá a vida. O seu ir ao encontro de todos, sobretudo dos mais frágeis, derrota a solidão e o destino de morte para o qual leva o pecado. Com a sua proximidade e ternura, Jesus Cristo leva os pecadores ao espaço da graça e do perdão. É nisso que consiste a misericórdia de Deus.

Educação Infantil ao 9º Ano (a partir de 1 Ano)

Tempo Integral

Material Didático Digital



"Acreditamos na educação como transformadora da sociedade"



COLÉGIO SALESIANO
ATENEO DOM BOSCO - GOIÂNIA
(62) 3093 3545

www.ateneusalesiano.com.br
Alameda dos Buritis, N° 485 - St. Oeste - Goiânia-GO



Imagen: Reprodução - Internet

Bem-aventurados os pobres: a vida em Tempo de Quaresma

WALLISON RODRIGUES
Seminariano, músico e membro do
grupo de compositores da CNBB

Uma única voz entre nós ressoa: “Convertei-vos e crede no Evangelho!”. São palavras que clamam fidelidade, fazendo memória da nossa consagração Àquele que prometeu ser o único Deus (cf. Dt 26,17-19) que cuidaria do seu povo e traria a libertação. Eis que essas palavras de Moisés ao povo de Israel tornam-se hoje Vida na vida da gente: Jesus Cristo – o Evangelho – está entre nós! Crer neste Evangelho pressupõe conversão, ou seja, é preciso esvaziar-se daquilo que é supérfluo à fé, a fim de contemplar o Mistério do Crucificado-Ressuscitado.

Esvaziar-se é, em certo sentido, fazer-se “pobre”. Mas nem sempre “pobre” foi sinônimo de estima. Basta lançarmos o olhar para fora dos muros de nossas casas para percebermos o quanto medonho é falar de pobre. Em contraposição, muitos pregam que somente são agraciados por Deus aqueles que estão cumulados de riqueza – como sinal da bênção divina. Ao certo, atualmente ricos e pobres estão se perdendo em um espírito materialista, estando, por isso, longe de perceberem o que são as verdadeiras bênçãos de Deus.

O tempo de Quaresma é momento de nos aproximarmos de Deus, esperando e confiando n’Aquele que é o único Bem da humanidade. Por isso a Igreja nos convida a este

estrondoso, aos crucifixos modernos, aos teatros e concertos esplendorosos – os “pobres em espírito” são ofuscados ou escondidos, impedidos de se encontrarem com Deus,

Jesus veio anunciar a Boa-Nova aos pobres (Lc 4,18). O Evangelho grita “bem-aventurados são os pobres em espírito” (Mt 5,3). Jesus se fez pobre para enriquecer a humanidade com sua pobreza (2Cor 8,9). Por isso, vale lembrar que para se encontrar a face do Deus Misericordioso não basta passarmos inúmeras vezes pela “Porta Santa”. É preciso que haja conversão! É preciso despojar o coração e a mente: isso é ser “pobre em espírito”.

Por isso, o caminho da cruz não é exagero, nem é demais, mas necessário para que haja a ressurreição. Longe da cruz não se vive a ressurreição e fora da cruz não se entende a pobreza. Ter uma alma pobre, um coração humilde e convicto de Deus, é aceitar a conversão e viver Evangelho, crer nele. Somente na pobreza poderemos viver bem a esmola, o jejum e a oração, que são caminhos para a Salvação. “Bem-aventurados os pobres em espírito porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,3).

Para meditar: *Como está o meu coração neste tempo quaresmal? O que significa ser pobre em espírito? De que posso me despojar para estar livre para servir a Deus? Como discípulo do Mestre, o que levo para o caminho da Cruz?*



tempo de despojamento, de deixar tudo o que diminui o homem, escraviza-o, preenche-o superfluamente, entre outros... Momento de redescobrir aquela pobreza que oferece a disposição interior dos discípulos de Jesus, isto é, uma pobreza humilde e alegre, repleta de confiança, que deixa o coração livre para amar e servir a Deus.

Às vezes, em muitas de nossas igrejas – em meios às casulas roxas cheias de pedras, brilho e bordados, às túnicas com nobres rendas, às vias-sacras em alto relevo, aos instrumentos e aparelhagens de som

com o Evangelho e com o Reino.

Ano após ano, Quaresma após Quaresma, campanhas após campanhas, pouca coisa muda. Afinal, o homem continua o mesmo. Àquele mesmo homem que com sede de poder, de *status*, de bens morais e espirituais coloca-se diante do Altar semanalmente para celebrar a ‘Memória do Senhor’. De segunda a sábado, no trabalho ou em casa, vive esse dinamismo interno ricamente possuidor de si mesmo. É como se a vida estivesse presente na liturgia e a liturgia não estivesse presente na vida.




24 DE MAIO
CENTRO DE CONVENÇÕES PUC-GO

Maiores informações:

Paróquia Universitária: (62) 3946-1681

Organização: (62) 8244-2071 | (62) 8586-1113
(62) 8111-4242 | (62) 9239-9835

Setor Juventude
Arquidiocese de Goiânia

DOMINGOS DE SOUZA RODRIGUES
(Seminário) Seminário S. João Maria Vianney

“Pai, perdoa, eles não sabem o que fazem”

(Sl 125,3)

O Evangelho do Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor nos convida a contemplar esse Deus que, por amor, desceu ao nosso encontro, partilhou a nossa humanidade, fez-Se servo dos homens, deixou-Se sofrer na cruz para que o nosso egoísmo e o pecado fossem vencidos. Depois da intensa caminhada quaresmal, chegamos, com Jesus, às portas de Jerusalém, à cidade do grande Rei (Mt 25,35). É o lugar onde o destino de Israel e de seus profetas deve se cumprir (Lc 13,33). Na cruz, revela-se o amor de Deus, esse amor que não guarda nada para si, mas que se faz dom total.

A vida de Jesus foi uma entrega do começo ao fim. O Seu sacrifício e sacerdócio não começaram na Cruz. Antes de entrar em Jerusalém, Ele entrou no mundo. Antes de ascender ao Calvário, Ele desceu à humanidade, fazendo-se homem. Ele veio a este mundo para amar a Deus e incendiar os corações dos homens (Lc 12,49), a fim de que eles também O amem. A Celebra-



Imagem: Reprodução

ção da Eucaristia nos faz viver todo esse mistério de amor. É o mistério central da nossa fé: “Anunciamos, Senhor, a vossa morte, e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus”. O amor gera vida nova e introduz na nossa carne os dinamismos da ressurreição.

Siga os passos para a leitura orante:

Texto para a oração: Lc 23,1-49 (página 1305 a 1307 – Bíblia das Edições CNBB).

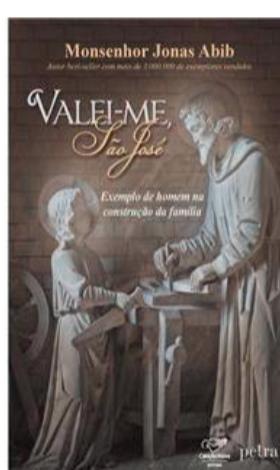
Passos para a leitura orante:

1. Leia com tranquilidade o texto do Evangelho, uma, duas, ou até três vezes. Saboreie as palavras, misturadas com um pouco de silêncio.
2. Volte ao texto, colocando a atenção no modo como agiram os diferentes “poderosos”: sacerdotes, escribas, fariseus, Pilatos, Herodes. O que penso deles? No lugar deles como pensaria, falaria e decidiria?
3. Depois dessa longa leitura, que sensação prevalece: descanso pelo fim da fadiga, admiração por Jesus, dor pela sua dor, alegria pela salvação obtida, ou outra coisa?
4. Reze. Chegou o momento de responder a Deus, depois de ter escutado e meditado. Fale o que veio ao seu coração depois do encontro com a sua palavra: louvor, pedido de perdão etc.

Durante a Semana Santa, fujamos do barulho desnecessário e deixemos o silêncio da escuta da Palavra de Deus tocar o mais profundo do nosso coração.

(ANO C, Domingo de Ramos da Paixão do Senhor. Liturgia da Palavra: Is 50,4-7; Sl 21 (22); Fl 2,6-11; Lc 23,1-49).

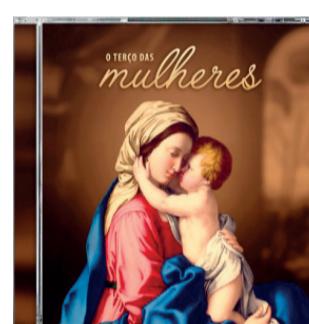
ESPAÇO CULTURAL



Valei-me, São José

O livro é um convite especialmente aos homens para conhecer a vida de São José, pai adotivo de Jesus Cristo, um homem justo, obediente a Deus e que acolheu Maria e foi pai presente na educação de Jesus. A partir da leitura e reflexão, pode-se perceber o quanto São José pode indicar caminhos e ser exemplo para os homens nos dias de hoje.

Autor: Monsenhor Jonas Abib
Editora: Canção Nova



O Terço das Mulheres

Além da canção de abertura, que leva o nome do CD, o álbum traz a oração e contemplação dos Mistérios separados por faixa. Os enunciados de cada mistério são cantados seguidos da oração do terço rezado. Apesar do título, todos são convidados a rezar o terço, o CD é um boa dica principalmente para aqueles que gostam de ter um momento de oração em casa, tendo a música como contribuição da concentração.

Gravadora: Paulinas

Publicidade

Papa
FRANCISCO
Venha a Trindade

AJUDE-NOS A TOCAR O CORAÇÃO DO NOSSO SANTO PADRE!

Acesse nosso portal www.paieterno.com.br, assine a súplica pela vinda do Papa Francisco a Trindade e declare o seu amor ao Pai Eterno.



62 3506-9800

